



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Os sem vacina

Como as pessoas enfrentavam as doenças antes das vacinas? Diante da ameaça negacionista, eu me fiz essa pergunta e, de repente, lembrei que Nelson Rodrigues viveu uma experiência dramática quando ficou tuberculoso. O nosso profeta do óbvio escreveu inúmeros relatos de pungente e dilacerante humanidade sobre o episódio. Naquela época, não havia vacinação ampla para prevenir nem estreptomicina para curar. Ele ficou três anos internado em

Campos do Jordão, em uma instituição chamada Sanatorinho. Apesar do nome delicado, Nelson afirma que todas as suas evocações em Campos do Jordão poderiam levar o título de *Recordações da Casa dos Mortos*, alusão ao clássico de Dostoévski sobre o período em que permaneceu preso na Sibéria.

Nelson ficou doente em 1934, quando trabalhava em *O Globo*, jornal dirigido por Roberto Marinho. Tinha 22 anos e vivia na penúria, repassava todos os 500 mil réis que ganhava para a mãe, pois a família era grande e estava desamparada depois da morte do patriarca Mario Rodrigues. O doutor Isaac Brown, amigo de Nelson, conseguiu uma vaga gratuita no Sanatorinho, na seção de “indigentes”. Mas havia, ainda, um empecilho: a

família de Nelson dependia do dinheiro que ele ganhava. Mario Filho, irmão mais velho, foi pedir a Roberto Marinho que continuasse a pagar o salário de Nelson: “Claro, o que interessa é que o Nelson fique bom”, respondeu o diretor.

Na viagem de trem rumo a Campos do Jordão, o nosso profeta do óbvio sentiu remorso e vergonha. Lembrou-se que costumava se refugiar no arquivo do jornal e desancar o diretor, chamando-o de “analfabeto”, “besta” e “cretino”, entre outras amenidades.

Por que Nelson ficou doente? Ele dizia que tudo poderia ser resumido na palavra fome. No caso, fome queria dizer penúria, excesso de trabalho, falta de roupas decentes e de dinheiro para comprar comida: “Quantas vezes, almocei

uma média e não jantei nada. Tudo isso era a minha fome e tudo isto foi a minha tuberculose”.

Os jornais da época chamavam a tuberculose com o nome diáfano de “peste branca”. Na redação mesmo, Nelson havia assistido colegas que estavam batendo uma matéria e, de repente, corriam para o banheiro e soltavam golfadas de sangue. A tuberculose era uma doença tão temida e tão mortal que, ao saber que estavam contaminadas, algumas pessoas tomavam formicida para abreviar o sofrimento.

A noite no Sanatorinho era marcada por uma sinfonia de tosses. Raras eram as visitas de familiares. Mas, depois de três anos, Nelson se recuperou e retomou a vida de jornalista no Rio de

Janeiro. Durante todo esse tempo, Roberto Marinho pagou o salário de Nelson. Esse era o mundo sem vacina que “os patriotas” defendem agora.

É possível imaginar o que Nelson diria dos negacionistas de hoje pelo depoimento que deixou sobre a campanha contra a vacina durante a epidemia da febre espanhola. Ele só tinha 6 anos de idade, mas leu nas velhas coleções da Biblioteca Nacional o que acontecera na época e comentou: “E, de fato toda a cidade se levantara a favor da peste contra a vacina; a favor das ratazanas contra Oswaldo Cruz; a favor da varíola contra a saúde”.

Nelson também sentenciou com a clarividência de profeta do óbvio: “A burrice é a forma mais perigosa de loucura”.

RECICLAGEM / Dois trabalhadores da construção civil montaram uma empresa de coleta e reaproveitamento de materiais que são descartados diariamente pela população. No ano passado, o DF produziu 718.547 toneladas de rejeitos

Lixo transformado em dinheiro

» NAUM GILÓ

Nunca antes as questões relacionadas ao meio ambiente estiveram tão em voga quanto agora. Não só a emissão dos gases responsáveis pelo efeito estufa estão no centro dos debates, mas também o descarte adequado do lixo que é produzido por todos o tempo todo. Segundo o Serviço de Limpeza Urbana (SLU), o Distrito Federal produziu 718.547 toneladas de lixo em 2022, número exorbitante que obriga a sociedade a pensar constantemente o que fazer com todo esse material descartado sem que haja dano ao meio ambiente. Uma das principais soluções para o grave problema é a reciclagem, atividade que depende fundamentalmente do trabalho dos catadores.

Várias cooperativas e empresas fazem o trabalho de coleta e reciclagem de lixo no Distrito Federal. Uma delas é a Eco Ambiental Recicláveis, empresa localizada na avenida principal do Assentamento 26 de Setembro, que recebe em torno de três a cinco toneladas de materiais recicláveis por mês. Chegando lá, ocorre a seleção e, se necessário, o tratamento do objeto para venda. E tem de tudo: plástico, PVC, eletrônicos, baterias, eletrodomésticos e metais em diversos tipos de objetos. Moradores da região, que está em franca expansão, recorrem ao estabelecimento para adquirir, por exemplo, material de construção mais barato do que é encontrado no mercado tradicional, como portas, pias, chapas de ferro e ferramentas.

O negócio começou há dois anos, após João Batista Marcelino Costa, 53, fazer um curso profissionalizante on-line de reciclagem. Antes disso, ele trabalhava havia um bom tempo na construção civil, mas viu na reciclagem uma oportunidade de ter uma vida mais tranquila e um maior potencial de renda. “Também chamou a minha atenção a importância da nossa atividade para a preservação do meio ambiente. Outro fator são os empregos gerados pela Eco Ambiental. A empresa conta com o trabalho

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Colônia Agrícola 26 de Setembro, Empresa Eco Ambiental dá outro destino ao material descartado nas ruas

Antonio Cunha/CB/D.A. Press



Garrafas de vidro são separadas de outros objetos...

de oito pessoas, contando comigo e meus sócios”, declara.

Batista contou à reportagem que, em média, 20 catadores de recicláveis vão ao local todos os dias para vender o que eles conseguiram coletar nas ruas. A empresa, por sua vez, trata ou vende o material para outras pessoas,

entidades ou estabelecimentos interessados. A Eco Ambiental também sai a campo em busca de materiais recicláveis descartados pela população. A cada dois dias, uma equipe se desloca até Águas Claras para fazer a coleta nos condomínios da cidade. “São cerca de 200 quilos de lixo todas

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A. Press



... depois, tudo é colocado em fardos para depois ser transformado

as vezes que vamos lá”, revela o empresário, que planeja fazer um trabalho de conscientização dos moradores desses condomínios sobre o gerenciamento de resíduos sólidos, que é saber separar cada tipo de material e organizá-los antes de ir para o lixo.

Félix Ribeiro Pinto, 46, é outro

sócio da Eco Ambiental Recicláveis. Ele trabalhava com João desde os tempos da construção civil e foi convidado por ele para embarcar no novo negócio. Hoje, assim como o parceiro, ele vê a importância do que faz tanto nos empregos que têm gerado quanto na preservação do meio

ambiente. “Com o dinheiro que estou ganhando hoje, eu estou conseguindo segurar as pontas”, comemora o empresário. Ele relata que a grande maioria dos catadores que busca o local para vender o material é da Cidade Estrutural e do Assentamento 26 de Setembro. No entanto, a empresa atua em todo o DF e Entorno.

Ciclo produtivo

“Eles são agentes ambientais”, define Izabel Cristina Zaneti, professora doutora do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília (UnB), referindo-se aos catadores. “O que eles coletam vai ser vendido para a indústria e não vai para um lixão ou um aterro sanitário. Todo esse material volta para o ciclo produtivo”, explica a professora, destacando os danos ao meio ambiente. “Diferentemente do aterro sanitário, os lixões não são impermeabilizados, o que favorece que o chorume contamine o solo e o lençol freático, além de produzir o gás metano. Os aterros são impermeabilizados com camadas de argila. O problema é que eles deveriam receber apenas rejeitos, materiais que não são orgânicos e nem recicláveis, mas isso nem sempre é o que acontece”, lamenta.

Izabel lembra que, em 2010, foi sancionada lei que instituiu a política nacional de resíduos sólidos. De acordo com a legislação, todos os lixões deveriam ter sido desativados até 2014, o que não ocorreu na realidade. “Cada pessoa, em média, produz 800 gramas de lixo por dia. É um absurdo. Precisamos nos educar para separar os materiais orgânicos dos recicláveis, para ajudar os catadores na hora da triagem de todo esse material”, sustenta.

A acadêmica lembra de um dado da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), que revela que apenas 3% do lixo seco gerado no Brasil é reaproveitado. “É um descalabro”, indigna-se. “Por isso o trabalho dos catadores é muito mais importante do que conseguimos imaginar.”

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 26 de Janeiro 2023

» Campo da Esperança

Antônio Benedito Camargos, 78 anos
Arinásio Lopes Marçal, 78 anos
Bruno Souza da Silva, 26 anos
Cláudia Santos Gomes, 58 anos
Demivalda Lopes de Sousa, 65 anos
Domingas de Moraes Pinheiro, 92 anos
Francisco Nilson de Sousa Chavante, 80 anos
Inês Quintino do Nascimento,

49 anos
Mária de Lourdes Alves Chaves, 59 anos
Mária do Socorro Soares Bezerra de Castro, 71 anos
Mária Helena Pereira da Encarnação, 88 anos
Perci Dias Mattioli, 54 anos
Roberto Rodrigues Corrêa de Araújo, 83 anos
Robin El Hajj Aidar, 57 anos
» Taguatinga
Abílio Barbosa dos Santos,

83 anos
Aderly Aleixo da Silva, 67 anos
Antônia Gomes da Silva, 80 anos
Antônio Bezerra de Castro, 55 anos
Cleonice Cláudia da Costa Oliveira, 80 anos
Edilson Paula da Silva, 59 anos
Geraldina Maria da Costa, 63 anos
João Miguel Ferreira dos Santos, 5 anos
Joventina Ferreira de Melo, 91 anos

Luiz Alberto Soares Lima, 51 anos
Mária Aldilene Ferreira, 59 anos
Mária Dias de Oliveira, 70 anos
Pedro Gonçalves Vieira, 58 anos
Roque Pereira da Silva, 78 anos
» Gama
Carlos Alberto Nunes Gonçalves, 53 anos
Elvira de Sousa Barros, 84 anos
João Batista Gomes de Aguiar, 86 anos
Lourival Bispo dos Santos

Júnior, 41 anos
Rosimira da Silva Nascimento, 66 anos
Senhorinha Ferreira da Costa, 93 anos
Terezinha Oliveira Chaves, 89 anos
Planaltina
Cleuza Eloi de Souza, 71 anos
» Brazlândia
Charles Rodrigues da Silva, 36 anos

» Sobradinho

Ana das Dores Pereira Siqueira, 98 anos
Helinete Pedreira Lopes, 56 anos
» Jardim Metropolitano
Josenira Maria de Oliveira Batista, 64 anos (cremação)
Mária Alice Santos de Jesus, menos de 1 ano
Meirilany Rodrigues da Silva, 43 anos
Valdeci José da Silva, 82 anos